

ÍNDICE

I PARTE

INTRODUÇÃO

1. Mitologia Popular o que é?.....	15
2. Onde Mora a Alma de um Povo	18
3. Almas Penadas, Morte, Bruxas, Lobisomens, Diabo, Olharapos, Trasgos, Mouras Encantadas	20
3.1 - A ALMA PENADA.....	21
3.1.1 - Inferno ou Purgatório?	21
3.1.2 - Procissões dos ossos e procissões das almas	23
3.1.3 - O mistério da “mão do morto”.....	26
3.2 - A MORTE.....	27
3.2.1 - Uma caveira envolta num manto negro.....	27
3.2.2 - A Morte e os diabos em Vinhais	30
3.3 - A BRUXA	32
3.3.1 - Pacto com o demónio	32
3.3.2 - Bruxas ou feiticeiras?	34
3.3.3 - Eu não creio nelas, mas que as há, há.....	35
3.3.4 - A “receita” do Padre Fontes	36
3.4 - O LOBISOMEM	37
3.4.1 - O fadário e o tormento.....	37
3.4.2 - O lobo e o homem (ou o lobo dentro do homem).....	40
3.5 - O DIABO	42
3.5.1 - As metamorfoses do Diabo	42
3.5.2 - As figurações do Inferno.....	43
3.5.3 - O Diabo espreita nas frinhas	45
3.5.4 - O engenheiro das pontes	47
3.5.5 - A simbologia do Diabo nas celebrações transmontanas.....	49

3.6 - O TRASGO	51
3.6.1 - Espíritos caseiros	51
3.6.2 - Pequenas almas penadas.....	54
3.7 - O OLHARAPO.....	55
3.7.1 - Um gigante antropófago, violento e feroz.....	55
3.7.2 - Da mitologia grega à mitologia popular	58
3.8 - A MOURA ENCANTADA.....	59
3.8.1 - Mouros históricos vs. Mouros míticos	59
3.8.2 - Perigosamente sedutoras.....	62
3.8.3 - A utopia dos tesouros	64
4. Conclusão	66

II PARTE

CORPUS NARRATIVO

ALMA PENADA	71
1 - A promessa da alma penada.....	71
2 - O esqueleto do padre.....	72
3 - O rapaz e a caveira	75
4 - A febra do defunto	76
5 - A perna da alma penada.....	77
6 - A procissão de almas penadas em Ferreiros.....	78
7 - A alma da jovem pastora.....	79
8 - A visita da alma da velha	80
9 - A alma da pastora que veio contar o que viu no Céu	80
10 - O penhorista sem alma	81
11 - O padre que pisou a hóstia.....	82
12 - As luzes das almas.....	83
13 - A alma que ia para Santiago.....	84
14 - A mãe de S. Pedro no Purgatório	85
15 - A lenda das opas brancas	86
16 - A alma penada no telhado.....	87
17 - As dívidas da alma penada.....	88
18 - O empurrão da alma penada.....	88
19 - A alma do avarento	89
20 - As mulheres vestidas de branco	90
21 - A fonte dos mortos	91
22 - A menina nua na procissão	92
23 - Uma alma penada no corpo de um gato preto	92
24 - A procissão das almas penadas em Provesende	93
25 - Uma alma penada a chorar na procissão	94

26 - A alma de um moço na forma de um pardal	94
27 - A alma penada na adega.....	95
 MORTE	97
28 - A Morte madrinha	97
29 - O casal de anciãos e a Morte.....	100
30 - Nosso Senhor, São Pedro e a Morte.....	101
31 - A promessa da comadre Morte	102
32 - A miséria e a Morte.....	103
33 - A Morte fechada numa cabaça.....	106
34 - Antes a morte que tal sorte!	106
35 - A morte pelada	108
 BRUXA.....	111
36 - A dança das bruxas	111
37 - A bruxa e os dois ladrões.....	113
38 - A bruxa e as vacas.....	115
39 - O sapateiro e a bruxa.....	116
40 - A peneira da bruxa	117
41 - O cónego e as bruxas	118
42 - O colo das bruxas	119
43 - A criada chupada por uma bruxa	120
44 - A eira onde as bruxas se vão esfregar	120
45 - O mestre da música e as bruxas	121
46 - O jugo das bruxas	122
47 - O carpinteiro e as feiticeiras.....	123
48 - Acordou no Ferrão com uma abóbora às costas.....	123
49 - O Farrapa e as feiticeiras	124
50 - O padre e a benzedeira.....	125
51 - O pastor e as bruxas	127
52 - O baile de Chacim	127
53 - O rapaz despido pelas bruxas	128
54 - A bruxa pastora.....	129
55 - O senhor Teófilo e as bruxas	130
56- O homem que quis espreitar as bruxas	131
57 - O ermo das bruxas	132
58 - As bruxas na adega do tio João Morais	133
59 - A avó e a neta na adega do tio Morais	134
60 - A camisa de linho	135
61 - Ou nos curas o vitelo, ou te vamos ao pélo!.....	136
62 - O homem com a bruxa às costas	136
63 - A mulher gaga que recorreu a uma bruxa.....	137
64 - As bruxas em Foz-Côa.....	138

65 - O marido tirou o fado a uma bruxa.....	139
66 - A galinha e os pintainhos... que eram bruxas.....	139
67 - A bruxa do cocó amarelo	140
 LOBISOMEM.....	 143
68 - O lobisomem de Rego de Vide	143
69 - O pastor, o cutelo e o lobisomem	144
70 - O lobisomem que matou a mulher.....	145
71 - O lobisomem e o caseiro.....	146
72 - O criado lobisomem	147
73 - O lobo e a maldição.....	148
74 - As três touquinhas brancas	149
75 - As gargalhadas do bode.....	151
76 - O marido lobisomem	152
77 - O lobisomem que corria sete adros	153
78 - Estás com'ós <i>lebzomes</i> !.....	154
79 - Alfinete de ouro para um lobisomem.....	154
80 - Lenda da Fraga do Lobisomem	154
81 - A lenda do lobisomem de Sabrosa	155
82 - Um cavalo que andava de noite à solta.....	156
83 - Perdeu o fadário, mas ficou cego.....	156
84 - A padeira e o lobisomem.....	157
85 - O lobisomem de Justes	158
86 - O tio Leonardo e o lobisomem.....	158
87 - O lobisomem salvo pelo padrinho	159
 DIABO.....	 161
88 - Nossa Senhora e o Diabo.....	161
89 - O Diabo e o lavrador.....	163
90 - Bartolomeu e o Demónio.....	165
91 - Liberata casou com o Demónio	167
92 - O bêbado e o Demónio.....	169
93 - Branca Flor e os três suspiros	170
94 - Branca Flor, filha do Demónio.....	171
95 - O Diabo à porta do cemitério	173
96 - A justiça do Diabo	174
97 - O Diabo e o jogo da unhada.....	176
98 - A praga da mulher do jogador.....	178
99 - A luta da mulher com o Diabo	180
100 - Diabo e o caldo de nabo	181
101 - O moinho da maldição.....	181
102 - O Diabo em forma de cabruto	182
103 - A árvore que enganou três vezes o Diabo	183

104 - O Diabo e o ferreiro	184
105 - A lenda da Ponte de Abreiro	186
106 - A Ponte da Misarela, o Diabo e o salteador	187
107 - Quando o Diabo era barqueiro.....	189
108 - O aviso do Diabo.....	190
109 - A lenda da espada enferrujada.....	191
110 - O Diabo e a capela dos Possacos.....	191
111 - O menino, o Diabo e o espirro	192
112 - O ladrão e o Diabo	193
113 - O Demónio na figura de um carneiro	194
114 - A mulher que soltava cagalhetas de cabra.....	195
115 - Lenda do Penedo do Diabo <i>Tarrenego</i>	195
116 - A lagarta, o Diabo e a borboleta	196
117 - O jogador com pés de cabra.....	197
118 - A mulher com pés de cabra	199
119 - Os <i>mações</i> e o Diabo.....	199
120 - Os padres e o Diabo em Grijó.....	200
121 - Enquanto o Diabo esfrega um olho.....	201
122 - Santo António e o Diabo	202
123 - O cabrito de dentes arreganhados.....	203
124 - O Diabo e os garotos.....	204
125 - Lenda do Cruzeiro de Sanguinhedo.....	205
126 - O homem com pés de cabra	206
127 - O Diabo e o tesouro da Cerca.....	207
128 - S. Macário tentado pelo Demónio	208
129 - O Diabo e os dois irmãos	209
130 - O advogado dos prestamistas e meirinhos	210
131 - O joio do Diabo	211
132 - O Diabo e as freiras de Santa Clara.....	212
 TRASGO	215
133 - O trasgo no velório	215
134 - O moleiro e o trasgo	216
135 - As moças e o trasgo	218
136 - Os piolhos da velha	219
137 - As diabruras do trasgo	219
138 - Vai p'ra quem te comeu as leiras!.....	220
139 - As unhas do trasgo	221
140 - O menino de vermelho.....	221
141 - O moleiro Gaspar e o maruxinho	223
142 - A cesta das maçarocas	223
143 - O homem que quis conhecer o trasgo	224

OLHARAPO	227
144 - O gigante e o anão	227
145 - Os gémeos e o olharapo	231
146 - A lenda do gigante do Marão	233
147 - O almocreve o gigante	236
 MOURA ENCANTADA	239
148 - A lenda da moura do Penedo Negro	239
149 - A moura encantada de Panóias.....	241
150 - A moura do Castelejo.....	241
151 - Lenda da cobra com cara de mulher.....	242
152 - O Vale dos Namorados	243
153 - A Fraga da Moura de Seixo de Manhoses.....	244
154 - A noiva encantada	245
155 - A moura da Ponte da Aradeira	245
156 - O padre e os figos encantados	246
157 - A lenda da cabra pelada	247
158 - A lenda da tecedeira.....	248
159 - Lenda do Castelo de Pinela.....	248
160 - Lenda da moura do Reboledo	249
161 - A Fonte da Moura de S. Julião.....	250
162 - As mouras da Portela do Antigo	250
163 - Lenda do Castelo de Algoso	251
164 - A serpente da mina da Bolideira	252
165 - O tesouro do monte do Castelujo.....	254
166 - O cabreiro e a moura.....	254
167 - A grade de ouro	255
168 - Lenda do Poço Dourado.....	256
169 - Lenda de Parafita	256
170 - A moura e a giestas	257
171 - A tesoura da moura	258
172 - A lenda da Fraga da Urze	259
173 - A moura do Monte do Piolho	260
174 - A moura e os bugalhos de ouro.....	262
175 - Lenda da Fraga do Poio	263
176 - A navalha de ouro.....	264
177 - A moura e o carvoeiro.....	265
178 - Lenda de S. Tomé do Castelo.....	266
179 - As pias dos mouros de Argeriz	267
180 - Lenda da moura branquinha	267
181 - Lenda da Pala da Moura.....	268
 Bibliografia	271

I.

MITOLOGIA POPULAR O QUE É?

O conceito de mitologia popular insere-se num campo de tudo ainda longe de estar encerrado. De fronteiras pouco definidas, em função das ambiguidades tipológicas de personagens e relatos que pretende acolher, há aqui muito espaço para reflexão e debate. As imprecisões semânticas dos conceitos de mito e mitologia, para além da supremacia das mitologias clássicas enquanto modelos epistemológicos para a compreensão do mundo e das suas cosmogonias, vão remetendo a noção de mitologia popular para um campo controverso, à mercê dos entendimentos ocasionais, por vezes abusivos, de algumas compilações de conteúdos locais da tradição oral.

Sobre o mito, que Fernando Pessoa classificou como “o nada que é tudo”, outros autores não se cansam de invocá-lo como um termo evaziado de sentido. Por exemplo, diz Stoczkowski que “adquirimos o hábito de dizer que tudo é mito e o mito é omnipresente” (1999: p. 34), concluindo Jabouille que o mito “é tão vasto que nele se pode incluir praticamente toda a expressão cultural humana” (1986: p. 16)¹. Por esta razão, em publicações anteriores temos optado pela denominação de “mito narrativo”² para assim precisar

¹ Muitos são os estudos e autores cujas interpretações nos sugerem uma visão holística do mito. Para um conhecimento mais aprofundado sobre o conceito de mito, são de destacar os contributos teóricos de Lévi-Strauss (1978), Durand (1998), Barthes (1993), Eliade (1989), Larsen (1991) e Wellek & Warren (1976).

² Cf. *A Mitologia dos Mouros* (2006), *Património Imaterial do Douro*, vol. I (2007), e *Mitos e Lendas dos Castelos de Portugal* (2019). Reconhecendo como excessivo no



o universo semântico de que nos ocupamos, o que nos permite também uma aproximação ao pensamento de Manuel Antunes, quando, na sua *Teoria da Cultura*, encara o mito como uma história de fundo lendário, em que determinada sociedade faz assentar as suas concepções do mundo e da vida (1999: p. 65). Um pensamento com idêntica interpretação pelo filólogo e folclorista espanhol José Manuel Pedrosa (2010), para quem o mito é “um tipo de relato de façanhas extraordinárias consideradas não possíveis ou reais pela comunidade que as narra: façanhas relacionadas com as origens ou fundação do mundo ou do grupo com que se relaciona a narração, tendo como protagonistas deuses, semideuses, heróis, ou mesmo elementos cósmicos e naturais, ou animais personificados”.

Será esta, por ventura, a verdadeira dimensão do mito, aquela que nos desafia a interpretar a cosmovisão do mundo tal como, simbolicamente, nele é retratada, trazendo uma centelha de luz aos acontecimentos do nosso tempo. Por isso, reconhecer a linguagem dos mitos é uma reflexão sempre oportuna. Veja-se o mito da Deusa “Europa”, um dos ícones mais marcantes da mitologia grega. Enquanto mito fundacional do velho continente, merece, julgamos nós, ser avaliado com o que nele está escrito para interpretação no presente: os países mais frágeis, ainda que acomodados na “ilusão” de algum conforto colectivo, não deixam de estar sempre à mercê de um poderoso “rei Minos”, que os subjuga, e de um “Minotauro”, que os devora.³

discurso corrente, o recurso ao termo “mito”, por vezes esvaziado de significação precisa, consideramos, no mínimo, três as situações em que é utilizado: 1 - *o mito narrativo* (narrações alegóricas e identitárias das comunidades, geralmente suportadas por memórias rituais); 2 - *o mito como crença estabelecida* (por vezes de fiabilidade duvidosa, resultante de obsessões íntimas e complexas: o mito do fim do mundo, o mito da vida eterna, não casar à sexta-feira, engravidar em noite de lua cheia, não matar aranhas, etc.); 3 - *o mito como figura deificada* (tendência dos povos para envolverem numa aura mítica determinadas personagens reais ou sobrenaturais: James Dean, Elvis Presley, D. Sebastião, a moura Ardínia, etc.).

³ Europa, princesa fenícia, era dotada de grande beleza, ao ponto de não lhe ter resistido Júpiter (Zeus para os gregos), o senhor absoluto de tudo, um autêntico deus de cobrição (foi pai de Vénus, Minerva, Mercúrio, Apolo, Diana, Vulcano, Hércules, Dionísio - o nosso tão apreciado Baco). Para a possuir,



fantasia tem a característica de produzir seres e situações que “não são materializados, e que, por isso, são apenas ideais que existem para quem os cria ou para quem neles acredita” (Castro, 1981: p. 129).

Estes ideais, que traduzem uma força irreprimível que conduziu, desde sempre, o homem às suas construções míticas, representam também a fragilidade da sua própria condição, quando entregue a um turbilhão de forças íntimas, ou à complexidade das convivências que o inconsciente estabelece com o Outro, que o atrai e o repele, e que, tão frequentemente, explode nas suas mais extremas manifestações de barbárie. O mito do lobisomem é, por isso, a expressão da lupinidade, mais ou menos contida, que se abriga dentro de cada um de nós.

3.5 - O DIABO

3.5.1 - AS METAMORFOSES DO DIABO

O Diabo é uma figura controversa da mitologia universal que cada civilização acolhe e interpreta à sua medida, ou à medida das suas interrogações e inquietações. Temida como nenhuma outra, o povo benze-se ao nomeá-la em muitas circunstâncias. No seu imaginário, o Diabo aparece em diversas formas, mas geralmente com o aspecto de anjo de feições pavorosas, corpo peludo, cornos de chibato, garras nas mãos e nos pés, rabo comprido e contorcido. A estatuária apresenta-o ainda em forma de serpente, de anjo deformado com garras nos cornos ou numa mescla de figura humana e animal. Também nos retábulos das igrejas são frequentes as pinturas do demónio, ora subjugado por S. Bartolomeu ou S. Miguel Arcanjo, ora em atitudes desafiadoras junto de outros ícones do cristianismo, e sempre realçando os seus atributos aterradores, de modo a que, aos olhos do povo crente, constituam poderosas sugestões para o re-pudiarem. Um efeito igualmente produzido pelas obras de grandes pintores, como Jerónimo Bosch, inspiradas na figura do demónio, o que lhe valeu ser chamado de “fazedor de diabos”; mas também de poetas célebres, como Marlowe e Goethe, que imortalizaram a história de Fausto, que vendeu a alma ao demónio em troca do regresso à juventude.





“Diabo” - Foto de Luis Borges

Especialmente relevante, na tradição popular, é a presença do demo em figura de gente, para melhor se aproximar daqueles que quer envolver na malha das tentações²⁸, e não falta também quem afirme tê-lo visto ou sentido quer na forma de um qualquer animal (gato, lobo, cão, carneiro, burro, etc.) em atitudes estranhas, quer na forma de um pé-de-vento que se arma nos campos ou então através de presenças invisíveis. A apresentação sob a forma animal, ou mesclando formas animais e humanas pretende realçar “a sua natureza bestial, de acordo com a orientação canónica, mas também constitui um costume tradicional: o de representar seres sobrenaturais de modo monstruoso, por meio da combinação de elementos diversos da Natureza” (Rodrigues; et al., 1995: p. 290).

3.5.2 - AS FIGURAÇÕES DO INFERNO

A habitação do Diabo é o Inferno. Segundo a tradição popular, houve outrora quem tivesse presenciado a entrada ou a saída do Diabo. Por isso há certos caminhos ou fojos denominados Canada

²⁸ Neste caso é, por vezes, referenciado na figura de mulher. Exemplo disso é a lenda “A mulher com pés de cabra” (cf. n° 117) que integra esta colectânea e se conta no concelho de Vinhais, sendo de notar a semelhança desta lenda, que o povo rural conserva na oralidade, com a que Alexandre Herculano apresenta nas suas “Lendas e Narrativas”.





BRUXA

No conceito popular, a bruxa é uma mulher que tem pacto com o demónio e as circunstâncias que lhe conferem o estatuto podem ser de três naturezas: 1 - o fruto de um coito de uma mulher com o demônio; 2 - a última de sete filhas seguidas da mesma mãe e que não haja tido por madrinha a irmã mais velha; 3 - o dom obtido por herança de outra bruxa após um convívio, assumido ou desacautelado, com ela.

36 - A DANÇA DAS BRUXAS

Andava uma vez um homem numa floresta a fazer lenha e, chegada a noite, descobriu numa clareira um bando de bruxas a dançar. Aproximou-se para as ver melhor, mas elas logo deram por ele e obrigaram-no a entrar para o meio da roda, dizendo-lhe:

- Danças e cantas connosco! Mas só dizes: *Sexta e Sábado, Sexta e Sábado, Sexta e Sábado!*

E ele lá se pôs a dançar no meio delas e sempre a dizer: *Sexta e Sábado, Sexta e Sábado...* Por fim, acabada a noite, acabou também o baile e mandaram-no embora. Mas antes disseram-lhe:

- Na próxima Sexta voltas cá e trazes um alqueire contigo, pois não te arrependerás!

O homem lá foi. Mas como era pobre e não tinha nenhum alqueire em casa, nem dinheiro para o comprar, foi pedi-lo



emprestado a um vizinho. Este, cheio de curiosidade, pôs-se a pensar: “*Que é que ele irá fazer com o alqueire, se não tem nada para medir?...*”. Vai daí, untou-o primeiro com sebo e só depois lho entregou.

Chegada a Sexta à noite, o homem foi ter à clareira das bruxas.

- Então sempre trazes o alqueire? - perguntaram.

- Trago. Tomai-o lá - respondeu.

Uma delas ficou com o alqueire e as demais voltaram a meter o homem no meio da roda a dançar e a cantar: “*Sexta e Sábado, Sexta e Sábado...*”

No fim mandaram-no embora e, como paga, encheram-lhe o alqueire de libras de ouro. O homem foi dali todo contente, pois agora estava rico. Guardou as libras de ouro e tratou de ir devolver o alqueire ao vizinho. Este, ao recebê-lo, reparou que havia uma libra presa no sebo. Ficou muito admirado e perguntou-lhe o que tinha andado a fazer com o alqueire, e o homem lá lhe contou:

- Olha, fui a tal sítio, onde estavam umas mulheres a dançar. Mandaram-me dançar e cantar com elas, e no fim pagaram-me em libras de ouro.

O vizinho, que era ganancioso, logo arranjou maneira de ir, também ele, na noite seguinte à tal clareira fazer o mesmo, esperando receber paga igual. Chegado a esse sítio, nem esperou que elas o mandassem para a roda. Meteu-se lá no meio e pôs-se a dançar e a cantar com as bruxas. Só que elas diziam:

“*- Sexta e Sábado, Sexta e Sábado...*”

E ele respondia:

“*- Sexta e Sábado, Domingo também,
burriquinho no meio como dança bem!*”

De repente, uma das bruxas ergueu os braços e ordenou:

- Alto e pára o baile!

Fez-se silêncio. Não era essa a cantiga que elas queriam. E só então descobriram que o homem também não era o mesmo. Como paga, deram-lhe um arraial de pancada, de tal forma que o

